

O TRABALHO DE CAMPO E O ESTUDO DA PAISAGEM CULTURAL ARQUITETÔNICA NO RIO GRANDE DO SUL

Mateus Pessetti¹

Ligian Cristiano Gomes²

Paloma Tavares Saccol³

Ricardo Stedile Neto⁴

Luciane Rodrigues de Bitencourt⁵

RESUMO: O Rio Grande do Sul apresenta uma multiplicidade de paisagens oriundas da diversidade étnica cultural presente em seu espaço. Desta maneira, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a diversidade ética-cultural presente no Rio Grande do Sul através da observação da paisagem, com ênfase para os aspectos arquitetônicos, tendo como ferramenta metodológica o trabalho de campo. Nas suas especificidades buscou-se: a) resgatar o processo de ocupação do Rio Grande do Sul; b) compreender a distribuição espacial das etnias formadoras do espaço rio-grandense; e, c) analisar a materialização dos diferentes grupos sociais na paisagem gaúcha, com ênfase para os aspectos arquitetônicos. Tal pesquisa organizou-se em etapas, sendo elas: a) consulta bibliográfica e revisão teórica acerca dos conceitos centrais da pesquisa, bem como, do processo de ocupação do Rio Grande do Sul; b) realização do trabalho de campo, o qual permitiu identificar as diversidades paisagísticas; e c) análise dos resultados.

Palavras chaves: Trabalho de campo; paisagem; cultura; paisagem cultural

ABSTRACT: Rio Grande do Sul presents a multiplicity of landscapes originating from the ethnic cultural diversity present in its space. In this way, the present work has as general objective to analyze the ethical-cultural diversity present in Rio Grande do Sul through the observation of the landscape, having as a methodological tool the field work. In its specificities we tried to: a) rescue the occupation process of Rio Grande do Sul; b) understand the spatial distribution of the ethnies forming the Rio Grande space; and c) to analyze the materialization of the different social groups in the gaucho landscape, with emphasis on the architectural aspects. Such research was organized in stages, being: a) bibliographical consultation and theoretical revision about the central concepts of the research, as well as, of the occupation process of Rio Grande do Sul; b) field work, which allowed the identification of landscape diversity; and c) analysis of results.

Key words: Fieldwork; landscape; culture; cultural landscape

¹ Acadêmico do 8º semestre do curso de Geografia (Licenciatura) da Universidade de Passo Fundo – UPF. Email: mateuspessetti84@gmail.com

² Acadêmico do 8º semestre do curso de Geografia (Bacharelado) da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Email: ligiangomes53@gmail.com

³ Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Email: palomasaccol1992@gmail.com

⁴ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Email: rickstedile@gmail.com

⁵ Professora Dr^a em Geografia da Universidade de Passo Fundo – UPF. Email: lrb@upf.br

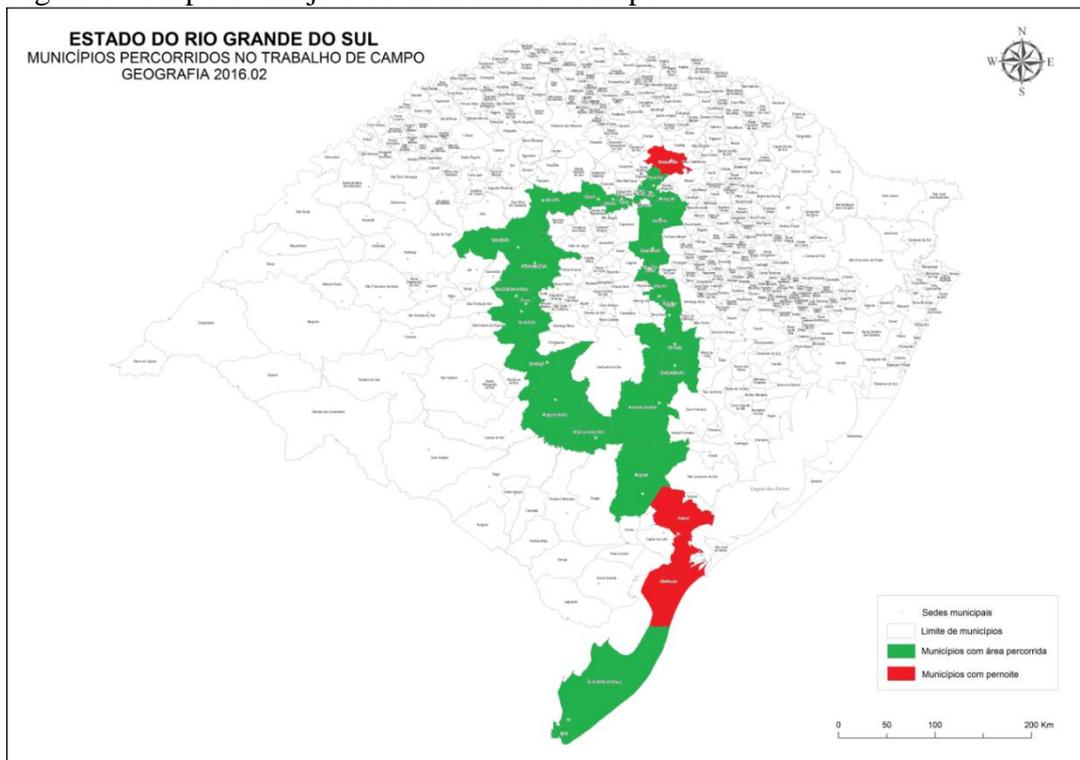
1 INTRODUÇÃO

O território do Estado do Rio Grande do Sul constitui-se por uma formação étnica-cultural diversificada, resultante de um longo processo de ocupação. Tal processo, ocorreu em fases de colonização e povoamento, originando territorialidades distintas, as quais se refletem nas múltiplas paisagens. (BRUM NETO, 2012). Desta forma, o fator cultural tornou-se determinante nas formas da organização do território rio-grandense, bem como, no contraste paisagístico cultural que perpetua-se até os dias atuais.

Assim, a ocupação territorial do Rio Grande do Sul, iniciou com a chegada dos açorianos em 1732, na região sul e litorânea. Posteriormente, chegaram alemães, franceses, italianos e espanhóis, que aos poucos foram ocupando a região central do estado, bem como, toda metade norte, até então coberta pela Mata Atlântica.

Nesse sentido, afim de identificar *in loco* as múltiplas paisagens do Rio Grande do Sul, o curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo realizou um trabalho de campo no segundo semestre de 2016. Tal atividade teve a duração de 3 dias e passou por cidades de norte a sul, iniciando no município de Passo Fundo e até Chuí, na divisa com a República Federativa do Uruguai. (Figura 1)

Figura 1 - Mapa do Trajeto do Trabalho de Campo



Org: GENGNAGEL (2016)

Mediante a realização do trabalho de campo, busca-se analisar a diversidade étnico-cultural presente no Rio Grande do Sul através da observação da paisagem, com ênfase para os aspectos arquitetônicos. Nas suas especificidades buscou-se: a) resgatar o processo de ocupação do Rio Grande do Sul; b) compreender a distribuição espacial das etnias formadoras do espaço rio-grandense; e, c) analisar a materialização dos diferentes grupos sociais na paisagem gaúcha, com ênfase para os aspectos arquitetônicos.

Tal pesquisa organizou-se em etapas, sendo elas: a) consulta bibliográfica e revisão teórica acerca dos conceitos centrais da pesquisa, bem como, do processo de ocupação do Rio Grande do Sul; b) realização do trabalho de campo, o qual permitiu identificar as diversidades paisagísticas; e c) análise dos resultados.

2 O TRABALHO DE CAMPO COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE DA PAISAGEM

O trabalho de campo é uma metodologia utilizada em diversas áreas do conhecimento, especialmente na Geografia. O método se institucionalizou na ciência geográfica em meados do séc XVIII, quando começou a ser trabalhado com ênfase por Alexandre Von Humboldt, em meio as fundamentações epistemológicas da chamada Geografia Tradicional.

Segundo Neves (2010), o que caracterizou o surgimento dos trabalhos de campo na geografia, foram grandes viagens organizadas por Humboldt. Nessas atividades, eram reunidos diversos profissionais de inúmeras áreas, buscando a compreensão de múltiplos elementos, como o clima, população, vegetação e hidrografia, tendo como objetivo central o entendimento da dinâmica do espaço geográfico.

Ao longo das transformações paradigmáticas da Geografia, o trabalho de campo manteve-se como instrumento de visualização *in loco* dos fenômenos geográficos. O aprimoramento das técnicas e a fragmentação/surgimento de diversas subáreas da ciência geográfica, tornou o campo, em muitos casos, extremamente importante para os estudos.

Além de uma ferramenta no ensino superior, a atividade pode servir como recurso pedagógico para o ensino básico. Assim, o trabalho de campo permite efetivar o processo de ensino aprendizagem através da visualização dos fenômenos estudados. Portanto, foi através da observação das paisagens em campo que conseguimos perceber a presença cultural dos imigrantes.

3 A CULTURA E A PAISAGEM

A Geografia tem como um de seus objetivos compreender a relação estabelecida entre o homem/sociedade e natureza. Tal relação perpetua-se nas diferentes formas de organização do espaço, que conseqüentemente, produzem uma multiplicidade paisagística. Na ciência geográfica, por meio do estudo cultural, pode-se identificar semelhanças entre os indivíduos de uma determinada comunidade, bem como, as particularidades na organização espacial da mesma. Tais semelhanças e particularidades evidenciam nas paisagens os traços culturais que os distinguem dos demais grupos sociais.

Segundo Wagner e Mikessel (2014, p. 28), o estudo cultural

(...) oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam.

Deste modo, salienta-se que o fator cultural atua como intermediário na produção de disparidades espaciais, bem como, sendo um dos atores que deixa cravado no espaço as manifestações culturais de um povo. Claval (1999, p. 61), aponta que a cultura “(...) é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela modela os indivíduos e define o contexto da vida social que são ao mesmo tempo os meios de organizar e de dominar o espaço”

À medida que o homem ganha o espaço e o define como morada, seus traços culturais são deixados, e assim, um espaço dotado de significações passa a ser constituído. Essas significações são explicitadas através de uma simbologia. De acordo com Cosgrove (2003 *apud* CORRÊA 2009, p. 103), “(...) toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”. Portanto, a proporção que os grupos sociais tomam conta de seus espaços e os dotam de significados e simbologias, infere-se que, o cenário paisagístico também altera-se.

Reitera-se então que, é a partir da inserção do ser humano (cultura) no espaço que as paisagens naturais transformam-se e, portanto, passam a ser nomeadas de paisagens culturais. Muitas paisagens diferenciadas constituem-se partindo da existência de culturas, ou seja, da presença humana com seus costumes, símbolos e manifestações. Assim, a paisagem ganha significado cultural, ou seja, passa de um estado com elementos predominantemente naturais, para outro geografizado, podendo assim ser chamada de paisagem cultural. (CAETANO e BEZZI, 2011).

De acordo com Wagner e Mikessel (2014, p. 36) entende-se por paisagem cultural

(...) um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais. É uma herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano.

Portanto, para compreender a paisagem cultural é necessário que o seu estudo vá além do materializado, ou seja, que busque-se detalhadamente entender os passos contrários, bem como, a interligação de todos os elementos que fazem dela sinônimo de cultura. Sendo a paisagem cultural um fragmento do espaço geográfico, pode-se dizer que a mesma, é a concretização de um processo sócio-histórico e que, portanto, a compressão apenas do que é visível e atual torna-se insuficiente. Posto isso, o seu reconhecimento deve ir além do visual, revelando o subjetivo, buscando a compreensão dos sons, cheiros e da sua alma. (FURNALETTO e KOZEL, 2014).

As manifestações paisagísticas culturais dão-se em diversos fragmentos espaciais, dentre eles, o espaço rural. As simbologias culturais ligadas ao espaço rural relacionam-se com a produção agrícola, festas, estrutura fundiária, arquitetura, entre outros. É importante considerarmos que a cultura, no que tange o espaço rural e suas paisagens, serve como meio de resistência/permanência a inserção das tecnologias e da modernização do campo, que muitas vezes desconsidera e expulsa o processo de produção da cultura da área.

Nesse sentido, concordamos com Cruz, Araújo e Costa (2015, p. 102), quando diz que

Apesar das transformações que o ambiente rural está passando, a cultura tem a capacidade de se permanecer resistente, pois são passadas aos descendentes como uma memória coletiva, de resgate de vivências e lembranças. É interessante ressaltar que a cultura é um elemento social, impossível de se desenvolver individualmente.

Sendo assim, as paisagens do espaço rural são abrigos para uma vasta manifestação de culturas. No caso desta investigação, serão enfatizadas as características arquitetônicas, assim como, o cenário produtivo agrícola.

4 O POVOAMENTO NO RIO GRANDE DO SUL.

O Rio Grande do Sul foi um dos últimos estados a receber os imigrantes europeus. Ainda em meados do século XVIII, o território era tomado ao norte pela Mata Atlântica, e ao sul pelos Campos. Uma terra de ninguém, segundo Bernardes (1997). O motivo pelo qual o povoamento do Rio Grande do Sul se deu com os imigrantes europeus, segundo Ruckert (2013), envolvia

fatores como a existência de terras em abundância, as possibilidades de trabalhos em setores com alto potencial de desenvolvimento e o surgimento de políticas de incentivo a imigração nos países americanos.

Assim, a ocupação iniciou-se com a instalação do Presídio Jesus Maria José, primeiro registro dos portugueses, em Rio Grande do São Pedro, atual município de Rio Grande. A colonização portuguesa, concentrou-se na região litorânea, iniciando sua ocupação mais ao extremo Sul, expandindo-se para áreas próximas e ocupando parte da metade sul do Rio Grande do Sul. Portanto, deu-se início a criação dos primeiros centros urbanos, com destaque para Rio Grande.

Muito embora hoje tenhamos uma concentração populacional e urbana na metade norte do Estado, o início da ocupação rio-grandense se deu na metade e extremo sul, mais especificamente próximo ao complexo lagunar, que atualmente, conforme a Figura 2, possui uma concentração de municípios inferior as outras regiões, sendo os mesmos, caracterizados pelas grandes extensões territoriais.

Figura 2 - Divisão Municipal do Rio Grande do Sul – 2013.



Fonte: ATLAS SOCIOECONOMICO DO RIO GRANDE DO SUL: Divisão Municipal de 2013. 2014 (acesso em 05/11/2016)

Incentivados pela Coroa Portuguesa, em 1732, chegaram 300 casais de açorianos. Conforme evidencia a Figura 3, os mesmos se estabeleceram na porção leste do Estado, mais especificamente na área de contato entre região central e sul. Também, originaram municipalidades como Torres, Osório e Santo Antônio da Patrulha, mais ao norte. Desta maneira, os mesmos obtiveram grandes conquistas, como o desmembramento de Viamão do seu município-mãe, Porto Alegre, desenvolvendo a produção agrícola e contribuindo para o desenvolvimento local/regional.

Segundo Magnoli (2001), eles plantavam trigo, e alguns se dedicavam a criação de gado, nas zonas de campo. Outros que se estabeleceram no Litoral, onde dedicaram-se à agricultura e à pesca.

Figura 3 - Cidades de origem açoriana no Rio Grande do Sul.



Fonte: ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1998. In: SILVA; Ana Maria Radaelli da; SPINELLI; Juçara; FIOREZE; Zélia Guareschi. Geografia do Rio Grande do Sul: Paisagens, Gente, Trabalho. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2011

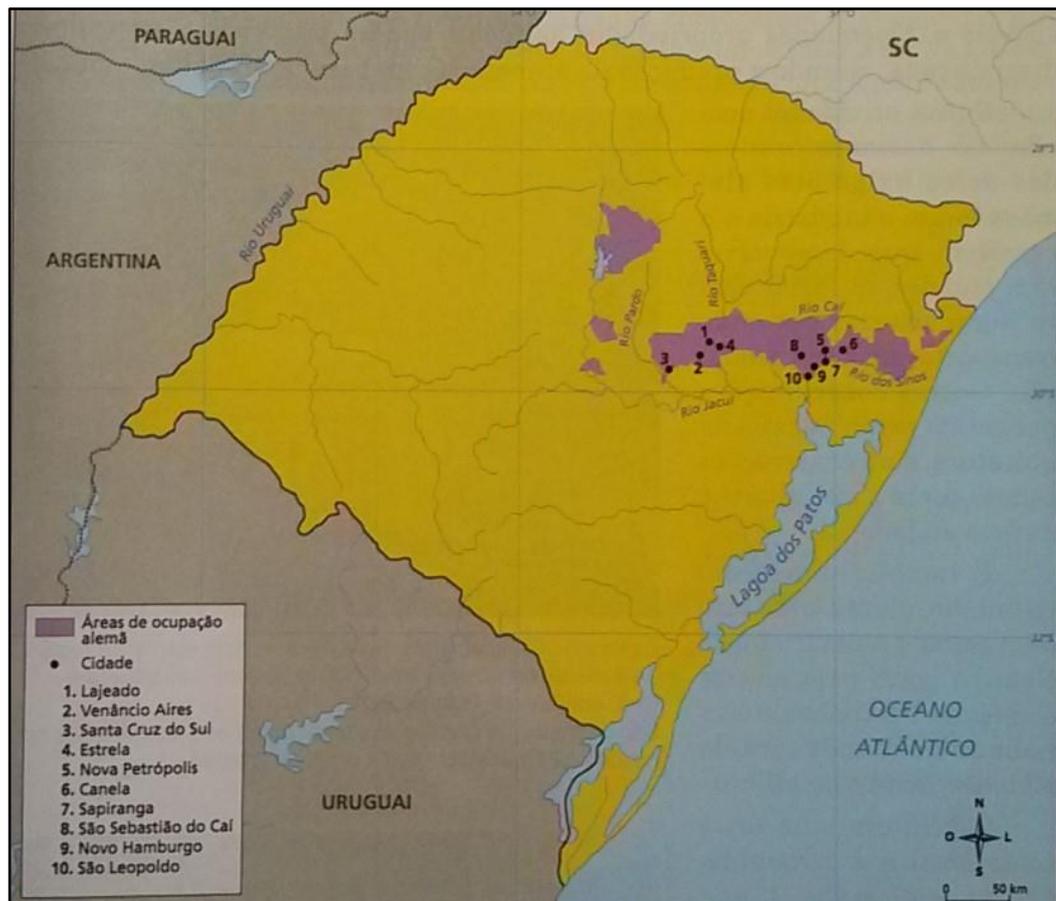
O Rio Grande do Sul, no início do século XX, tinha 12% da sua população composta por estrangeiros, índice bem superior ao do Brasil. Tal fato, justifica-se pelo intenso fluxo

migratório para o Estado no final do século XIX. (ATLAS SÓCIOECNÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL 2016)

O desbravamento do território rio-grandense vai se dar pela chegada dos imigrantes alemães, italianos, franceses e poloneses que irão desenvolver a produção agrícola e a indústria, inicialmente, em meados de 1820 com a chegada dos imigrantes alemães. Segundo Curtis (1963), em outras palavras, os alemães pouco se expandiram, fixando-se mais na área da Depressão Central, desenvolvendo São Leopoldo e criando Santa Cruz.

Ao chegar em São Leopoldo, os alemães, desenvolveram a produção agrícola. Conforma a Figura 4, outros municípios da redondeza de São Leopoldo também foram ocupados pelos colonos. Ali desenvolveram, também, a indústria, e em 1880 a região já era conhecida como um polo industrial, com a criação de fábricas de chapéus, cervejas e ferramentas. Os quadros industriais mantem-se até os dias de hoje. (GABBI, 2014)

Figura 4 - Cidades gaúchas de origem na imigração alemã.



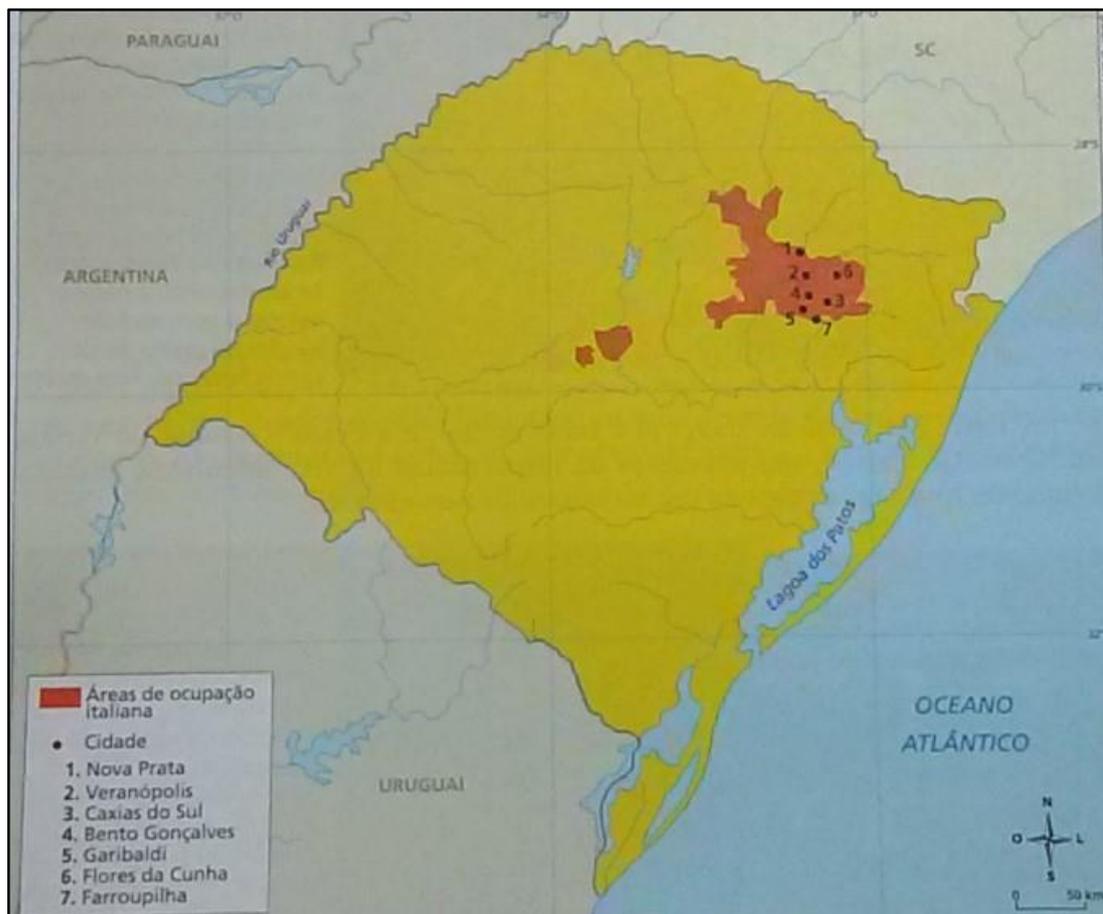
Fonte: ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1998. In: SILVA; Ana Maria Radaelli da; SPINELLI; Juçara; FIOREZE; Zélia Guareschi. Geografia do Rio Grande do Sul: Paisagens, Gente, Trabalho. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2011.

Sobre a inserção dos imigrantes italianos, Bernardes (1997) saliente que

Procurando acelerar a expansão da pequena propriedade de trabalho livre, o governo imperial criou, dentro de um grande plano, uma série de colônias no sul do país, destinadas a serem povoadas por italianos. No Rio Grande do Sul, as colônias deste plano foram Caxias, Conde D'Eu E Dona Isabel (1874-75), que deveriam constituir uma continuação da área já ocupada por alemães ao norte de Porto Alegre. (...) os peninsulares, deste modo, conquistaram a região das araucárias em um ritmo muito mais acelerado do que os alemães.

Ou seja, além de uma forte crise econômica que atingia a Itália na segunda metade do século XIX, esse “incentivo” do governo levou a chegada dos imigrantes italianos em 1875. Da mesma forma que os alemães, os colonos italianos (Figura 5) vieram com a esperança de uma vida melhor, fugindo da estagnação econômica que a Itália passava na época, onde a pobreza era o que reinava. Aqui, os mesmos, encontrariam solo fértil e lotes de terra que com o tempo seriam de própria posse.

Figura 5 - Cidades de origem italiana no Rio Grande do Sul.



Fonte: ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1998. In: SILVA; Ana Maria Radaelli da; SPINELLI; Juçara; FIOREZE; Zélia Guareschi. Geografia do Rio Grande do Sul: Paisagens, Gente, Trabalho. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2011

Ao chegar em terras brasileiras, as famílias italianas foram assentadas nas colônias. Como mostra a Figura 5, em contrapartida aos alemães, os italianos estabeleceram-se nas áreas

de maior altitude do estado. Segundo Bernardes (1997), os alemães preferiam a terra mais escura ainda que mais pedregosa e de clima mais quente, dos degraus e vales que costeiam o platô. Portanto, o planalto passava a ser ocupado pelos italianos.

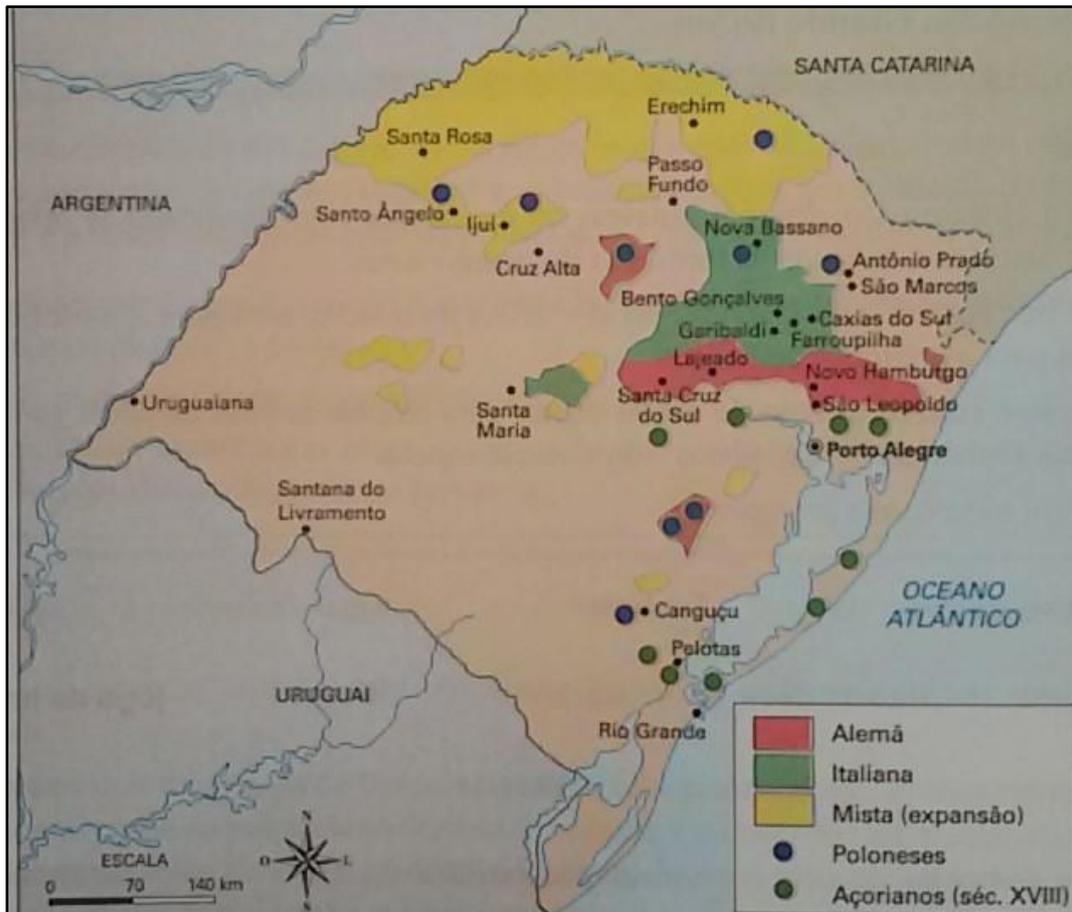
As características geográficas permitiram o desenvolvimento da produção agrícola calcada na produção de milho, trigo e a uva. A produção de uva veio como consequência da tradição e cultura italiana. Hoje, o planalto, especialmente na serra, a produção de vinho é destaque e movimento a economia de inúmeros municípios oriundos da ocupação italiana.

Outros imigrantes que chegaram em vários momentos no estado, foram os franceses, alguns, antes mesmo da chegada dos alemães e italianos. Segundo Klein (2015), a área que foi ocupada por italianos em Bento Gonçalves, havia sido povoada por franceses. As políticas imperiais queriam tornar a região uma área de franceses.

A grande leva de Franceses aconteceu entre 1872 e 1873. Poucos foram aqueles que se fixaram nas áreas da depressão central e planalto. A grande maioria teve como destino os municípios de Rio Grande e Pelotas (FIGURA 6). Nas áreas que se estabeleceram mantiveram a produção de grãos, especialmente de trigo, que é característica da França, além de ter desenvolvido o meio industrial, principalmente em Pelotas.

Significativa também, foi a imigração polonesa. Os mesmos chegaram em 1869. Sua distribuição no espaço geográfico do RS, aconteceu de forma diversificada. De acordo com a Figura 6, é possível encontrar poloneses em vários cantos do estado, mas de forma bem reduzida, em relação a outros imigrantes, como os italianos e alemães. Juntamente com os demais imigrantes, desenvolveram a agricultura. São tradições culturais dos poloneses a vodka e a data de comemoração do Natal no dia 25 de dezembro, hábito trazido pelos poloneses italianos. (WWW.CAMINHOSDOSUL.BLOGSPOT.COM.BR)

Figura 6 – Mapa do Rio Grande do Sul: Áreas de Colonização.



Fonte: ADAPTADO DE BRASIL: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. In: MOREIRA; Igor. *Geografia do Rio Grande do Sul*. 2 ed. São Paulo: Editora ática, 2009

5 ARQUITETURA E AS PAISAGENS RIO GRANDENSES

O trabalho de campo realizado pelo curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo, teve início no município de Passo Fundo, localizado na metade norte do Rio Grande do Sul. O mesmo apresenta uma formação étnica cultural diversificada, porém, composta de maneira mais significativa por italianos. Todavia, em função do desenvolvimento do município e da construção de prédios e casas modernas, é raro observar a presença de residências com características da imigração italiana. Salienta-se que o trabalho de campo contemplou a área urbana de Passo Fundo, todavia a presença de italianos está, também, evidenciada no espaço rural.

Os registros da ocupação italiana são pouco presentes e significativos, principalmente quando fazemos referência a aspectos ligados a arquitetura. Nesse sentido, destaca-se que pode-se perceber a presença de grandes casarões construídos de madeira e pedra, com pequenos porões, decorados por “lambrequins”, enfeites que são colocados no contorno da armação do

telhado das casas. Em homenagem a colonização italiana, foi construído no centro da cidade de Passo Fundo, um monumento fazendo referência ao seu país de origem. (FIGURA 7)

Figura 7 – Monumento em homenagem a imigração italiana em Passo Fundo/RS



Fonte: Trabalho de Campo/Arquivo Pessoal (2016)

Ressalta-se a forma como as cidades italianas estão organizadas espacialmente. É muito característico das comunidades, o desenvolvimento urbano ao redor de paróquias e igrejas construídas ao longo da chegada e ocupação dos italianos.

Já em contato com a área central do estado, podemos visualizar uma paisagem de áreas mais planas, com pequenas elevações. Desta maneira, em meio a essas características, ali se estabeleceram a maior parte dos alemães do Estado, fixando-se nas áreas próximas a vias fluviais que com o tempo foram transportando a sua produção.

Assim, no trajeto percorrido podemos evidenciar o município de Lajeado, que teve sua origem atrelada a colonização alemã. A materialização de tal etnia é salientada na arquitetura típica. As fachadas de diversos prédios e as casas denotam o enxaimel, estilo de construção onde a madeira é trabalhada e encaixada entre si. Outra característica pertinente a este estilo

arquitetônico é a construção dos telhados, pela sua robustez e a sua grande inclinação. Tal peculiaridade evita o acúmulo de neve, sendo esta uma característica da região de origem dos imigrantes alemães, que foi reproduzida no estado gaúcho. (FIGURA 8)

Figura 8 – Presença da imigração alemã em Lajeado/RS



Fonte: Prefeitura Municipal de Lajeado/RS

Em contato com a metade sul do Estado, entramos em uma área caracterizada pela inserção de Franceses, sendo os mesmos mais significativos no município de Pelotas. Conforma Figura 9, é perceptível a presença francesa em construções que exaltam o luxo. Tais características são oriundas das charqueadas, já que vários franceses foram donos das mesmas e construíram um patrimônio de muita que envolvia muita riqueza.

Figura 9 – Presença de imigração francesa em Pelotas/RS



Prédio do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas



Construção da área central de Pelotas

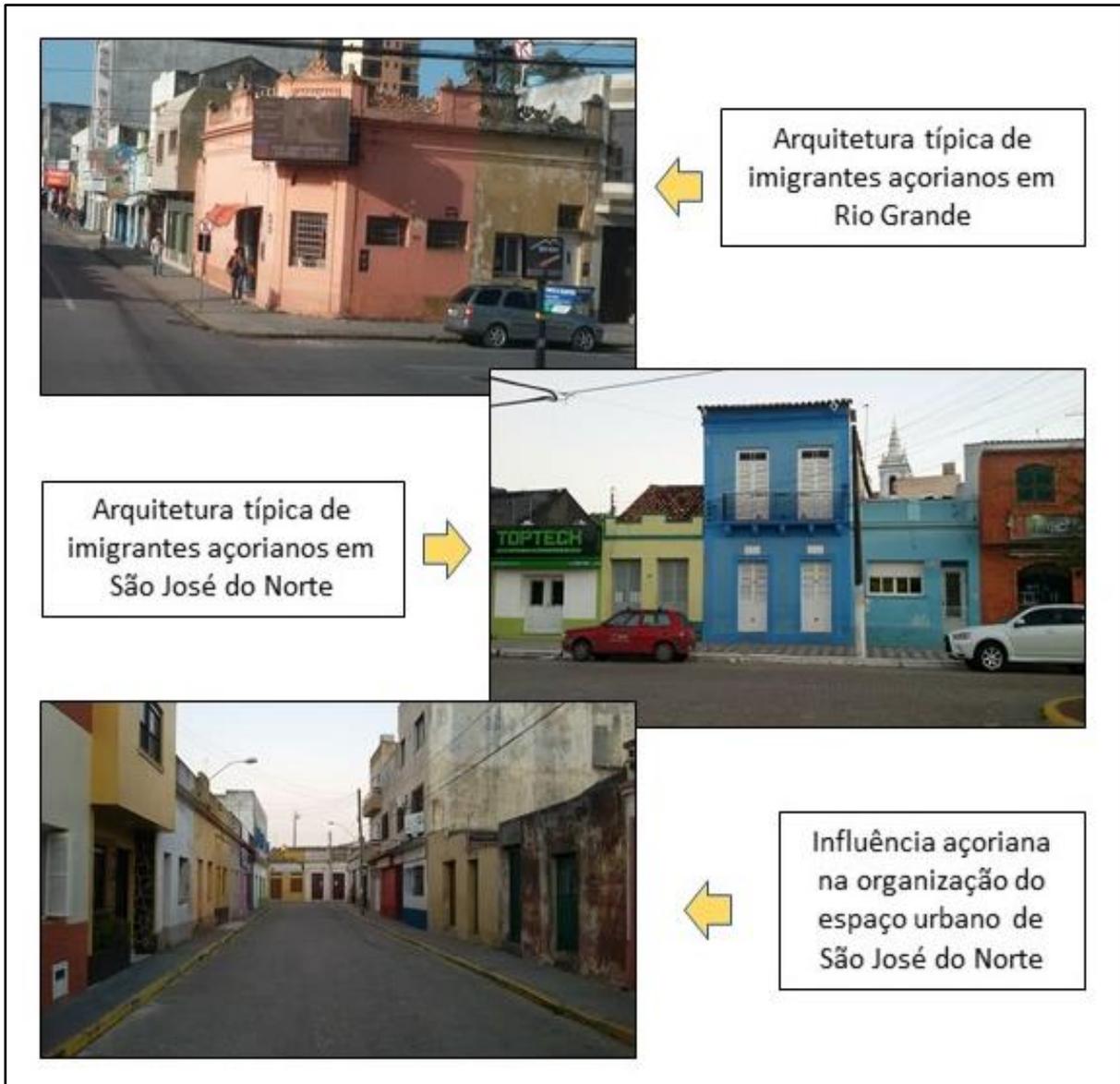
Fonte: Trabalho de Campo/Arquivo Pessoal (2016)

Destaca-se que, os centros religiosos são espalhados por vários pontos da cidade e seu desenvolvimento urbano se deu ao longo da sua construção do atual centro histórico. Assim, diferentemente de outras cidades, a cidade apresenta as rugosidades do espaço urbano no centro da cidade, sendo rodeada pela modernidade

Nas unidades municipais de Rio Grande e São José do Norte, como evidenciado na Figura 10, as casas são baixas e encostadas uma ao lado da outra. São caracterizadas por

apresentarem janelas grandes e cobertas de telhas de barro fabricadas pelos escravos, possuindo um porte que vai de médio a pequeno.

Figura 10 – Presença de imigração açoriana em Rio Grande/RS e São José do Norte/RS Fonte:



Trabalho de Campo/Arquivo Pessoal (2016)

Nos três municípios supracitados, ressalta-se um aspecto na organização espacial que os diferencia das cidades de origem ítalo-germânicas. Não existem centros religiosos que marcam o desenvolvimento urbano dos mesmos. Em Rio Grande, por exemplo, o desenvolvimento urbano se deu pela construção do forte Jesus Maria José e não de uma igreja ou paróquia.

O município de Chuí, ponto extremo sul do Brasil, também foi visitado. O local é uma área característica de instabilidades, em função das disputas entre portugueses e espanhóis.

Evidencia-se que o espaço se construiu socialmente ao longo de todas essas transformações sociais. Hoje, o local é conhecido pelo comércio e por ser ponto turístico em função de se caracterizar como ponto extremo sul do Brasil

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a diversidade étnica-cultural presente no Rio Grande do Sul através da observação da paisagem, tendo como ferramenta metodológica o trabalho de campo. Sendo assim, apresentou-se de maneira alternativa a prática de campo como forma de análise e interpretação de informações sobre a diversidade paisagística arquitetônica do Rio Grande do Sul.

Portanto, analisar a ocupação do Rio Grande do Sul permitiu-nos compreender de que maneira diferentes povos exercem influência sobre o atual cenário geográfico do Estado, especialmente no que tange as questões arquitetônicas. Desse modo, de norte a sul evidenciou-se os contrastes nas paisagens ao passo que o processo de ocupação aconteceu.

No que tange a metade norte do Estado, salientou-se a presença da imigração italiana e alemã, especialmente nos municípios de Passo Fundo e Lajeado. Tais etnias apresentam peculiaridades na construção das casas, sendo as mesmas caracterizadas pela utilização da madeira extraída das matas e organização dos cômodos.

No que se refere a metade sul, evidenciou-se a presença de portugueses e franceses. A materialização destes grupos sociais é marcada pela presença de construções luxuosas, em função da riqueza gerada pela exploração nas charqueadas.

Portanto, as indagações feitas ao longo do trabalho do campo, puderam evidenciar as materializações destas etnias no diz respeito aos aspectos arquitetônicos. Assim, pode-se salientar a importância da prática de campo como ferramenta metodológica para a análise dos fenômenos geográficos.

REFERÊNCIAS

- ATLAS SÓCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL: **Unidades Geomorfológicas**. 2014 (acesso em 20/10/2016).
- ATLAS SOCIOECONOMICO DO RIO GRANDE DO SUL: **Divisão Municipal de 2013**. 2014 (acesso em 05/11/2016).
- BERNARDES, Nilo. **Bases Geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul**. 1 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.
- BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. Doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.
- CAETANO, Jessica Neve; BEZZI, Lourdes Meri. **Reflexões na Geografia Cultural: A materialidade e a imaterialidade da cultura**. Revista Sociedade e Natureza, Uberlândia, ano 23 n. 3, 453-466, set/dez 2011.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.
- COLONIZAÇÃO POLONESA. Disponível em: <<http://www.caminhosdosul.blogspot.com.br>>
- WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Introdução à Geografia Cultural Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D. – **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- CURTIS, Maria Luiza Lessa. **Povoamento no Rio Grande do Sul**. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*. N 13, Porto Alegre, 1963.
- CRUZ, Abigail Bruna da; ARAÚJO, Letícia Almeida; COSTA, Tamyris Maria Moreira da. **Cultura rural: resistências e modificações observadas no campo a partir da inserção da tecnologia**. ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural 24 e 25 de junho de 2015 Alfenas-MG, p. 99-109.
- FURNALETTO, Beatriz Helena; KOZEL, Salete. **Paisagem Cultural: Da cena visível a encenação da alma**. *Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, v. 8, n. 3, p.215-232, dez/2014.
- GABBI, Jossana Viviane. **A contribuição cultural dos imigrantes alemães na história de Panambi: As principais festividades e formas de lazer**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2014.
- KLEIN, Caroline Rippe de Melo. **A imigração francesa no Rio Grande do Sul (SÉC XIX)**. *Revista Historiador*, n.7, v.7, p.22-29, Janeiro de 2015.
- MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTTO, Ricardo. **Cenário Gaúcho: Representações históricas e geográficas**. 1 ed. São Paulo, Editora Moderna, 2001.

NEVES, Karina Fernanda T.V. **O trabalho de campo no ensino de Geografia: Reflexões sobre a prática docente na educação básica.** 1 ed. Bahia, : Editora UESC, 2010.

RUCKERT, Fabiano Quadros. **A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada.** *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v.5, 2013, p. 203-225, 10 de dezembro de 2013.

SILVA; Ana Maria Radaelli da; SPINELLI; Juçara; FIOREZE; Zélia Guareschi. **Geografia do Rio Grande do Sul: Paisagens, Gente, Trabalho.** 1 ed. São Paulo: Moderna, 2011.

WAGNER, Philip I; MIKESELL, Marvin W. **Os temas da Geografia Cultural.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural.* 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.